

Marilsa Taffarel*

Isaías Melsohn em 714 palavras**



Isaías foi um homem rico e, de certa forma, traiu o lema que o jovem Isaías escolheu para o quadro de formatura do ginásio: *Omnia mea mecum porto* (“Tudo o que tenho trago comigo”). Se estivesse ele no navio que naufragava,

de acordo com a antiga historieta de nossos livros de colégio, fosse ele o sábio tranquilo entre os mercadores que tentavam salvar seus haveres, não poderia dizer a famosa frase-lema.

Isaías possuía maravilhas: tapetes antigos que poderiam figurar nos mais nobres palácios árabes, imaginária barroca brasileira da melhor procedência, quadros de nossos mais famosos artistas plásticos. Todavia, era com ele que estava a nossa reserva de sabedoria, como já escrevi uma vez. Na sua privilegiada cabeça. E, na provecta vida que a deusa fortuna lhe destinou, ele a conservou incólume.

Experimentamos através dele a operação de estranhamento inserida no coração da psicanálise: a representação inconsciente, tal como é conceituada por Freud nos escritos metapsicológicos de 1915, é produto de sua herança empirista e positivista, ensinava ele. Assertiva que de imediato afasta muitos ouvidos psicanalíticos. Não fosse o poder quase encantatório de sua fala, suas conferências performáticas, sua escuta clínica absolutamente afinada, suas *master classes* não teriam ecoado como ecoaram. O tanto que ecoaram.

Isaías Melsohn reconceitua a representação inconsciente com o rigor e o embaçamento que uma formação intelectual impecável exige. Para ele, a representação inconsciente é, a um só tempo, imaginária e simbólica (símbolo presentificador). Contém o corpo em sua expressividade: um abalo que se faz palavra, uma apreensão sensível do mundo que configura uma pulsão coartada até então.

A palavra na sua vertente poética e poiética é a matéria cuja plasticidade dá passagem para a singularidade.

* Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

** O título se refere ao número de palavras do texto em sua versão original.

Foto cedida pelo Fundo Isaías H. Melsohn da Divisão de Documentação e Pesquisa da História da Psicanálise da SBPSP

Isaías entendia que era preciso repetir sempre: análise é análise do presente, da transferência. O analista deve estar atento para não banalizar o momento mais importante da sessão: o encontro com o paciente. Aquele momento em que dois corpos se aproximam. Momento em que a presença do outro possui todo o seu potencial de abalo e de imantação. Momento de caos para ambos, caos profícuo. Momento de ruptura representacional.

Para Isaías, é na abertura da sessão que se dá a ruptura, e a subsequente e consequente “passagem para outro meio”, da afecção para a palavra, para a meia palavra que, reza o ditado, basta, se houver um bom entendedor.

Cabe ao analista colocar, para seu analisando, em fala não explicativa, esse *Unbewusste* que se produziu. Mas, atenção, não se trata de um inconsciente reprimido. Trata-se de uma neoprodução, uma configuração nova onde havia um broto pulsional não desenvolvido, formulada pelo paciente, porém sem que esse compreenda seu significado, como em um lapso que produzimos. A interpretação, por sua vez, precisa ser dita em palavras que veiculem entendimento e sonoridade, mitos e logos.

Como dizia Isaías a propósito de Freud, ele não tirou suas ideias de sua própria cabeça, como as serpentes que surgem na cabeça da Medusa. Isaías abriu seu caminho na teoria e na clínica a partir dos encontros transformadores que teve com o ambiente cultural, psicanalítico e político no qual esteve imerso.

Chegou a Susanne Langer, filósofa norte-americana fundamental para a formulação de suas ideias psicanalíticas, através de indicação de Anatol Rosenfeld (professor de filosofia e crítico de teatro, judeu alemão que emigrou para o Brasil durante a ascensão do nazismo). E, a partir dessa discípula e continuadora de Ernst Cassirer, chegou ao filósofo que lhe deu “régua e compasso” com os quais pôde reler a –para ele incomparável– produção de Freud feita em torno dos anos 1900.

Entre seus amigos estavam intelectuais de muito peso em São Paulo e, entre eles, a psicanalista Regina Chnaiderman, sua interlocutora. Um meio intelectual no qual se liam e discutiam os pensadores que revolucionaram várias disciplinas do conhecimento, tais como Lévi-Strauss, Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson –pioneiro na análise estrutural da linguagem, da poesia e da arte. Jakobson lhe brinda com o conceito de função poética da linguagem, imprescindível para sua concepção de escuta e de interpretação.

Ele marcou mais de uma geração na psicanálise e instituiu um paradigma e uma tradição de paixão pela busca, pela autoria com solidez, pela conduta pautada por princípios democráticos e pela razoabilidade bem humorada: a riqueza que ele trazia consigo e que não perdeu nas tempestades da vida.